

LEONARDO MOTA NETO

Sarney - Viagem

4 MAR 1989

Decisão política

A suspensão da ida do presidente Sarney a Haia, onde participaria da Conferência Internacional Sobre Proteção da Camada de Ozônio, teve razões mais políticas do que técnicas ou científicas. O Presidente da República não poderia se expor ao vexame de se tornar o bode expiatório da contaminação da atmosfera pelo CO₂ (dióxido de carbono ou gás carbônico), que forma o "Efeito estufa", e para a abertura do buraco no ozônio, que é determinada pelo uso de "spray".

A verdade é que se possui no Brasil poucos dados sobre o ambiente mundial. Não haveria segurança técnica para um presidente brasileiro ir a Haia responder a questões científicas desconhecidas. O Brasil, por exemplo, contribui somente com cinco por cento do lançamento na atmosfera, contra 20 por cento dos Estados Unidos e 75 por cento do mundo industrializado, pela queima de combustíveis fósseis, como petróleo e carvão. No entanto, a grita mundial contra o Brasil é maior pelo fato de não dispormos de dados exatos.

Informações científicas, de outro lado, por estarem manipuladas, concluem que existe uma relação de degradação ambiental entre o buraco na camada de ozônio por "sprays" e o "efeito estufa" por gás carbônico. E que a Amazônia poderá regenerar essa destruição, indiretamente, oxigenando a atmosfera do mundo, como se fosse o pulmão artificial de um mundo em deterioração.

Há balelas eleitas como verdades e falácias, repetidas como mitos. Para que Sarney não ficasse submetido a uma execração pelo que a Amazônia não é, melhor será equipar seu governo de um banco de dados razoavelmente confiável — os franceses já nos estão repassando seus conhecimentos — e cuidar para que a próxima Conferência Mundial Sobre o Meio Ambiente, no nível de ministros, no final deste ano, o Brasil já detenha um seguro aparato informativo para rebater as acusações de que é vítima.

Em junho, começa a época das queimadas na Amazônia Legal. Ontem, quem passava de avião sobre a Serra do Mar, no litoral, já observava uma enorme fogueira no litoral paulista. A preocupação de preservar florestas e pastos da devastação por fogo deverá ser a resposta inicial do Governo brasileiro em 1989, mas, com apenas uns poucos guardas florestais, quase nenhum avião ou helicóptero para usar, o novo Instituto Nacional do Meio Ambiente poderá fazer quase nada. Ficaremos à mercê dos satélites internacionais que cruzam diariamente os céus da Amazônia, medindo o calor das fogueiras. E entregues aos cientistas estrangeiros do Inpe, que fazem a leitura dos dados do satélite conforme suas próprias especificações. E não segundo as nossas.

O Governo está acordando, porém não ir a Haia já foi uma medida salutar. Não vamos entrar no fogo das paixões amazônicas: vamos conter primeiro a mão sorradeira que arma o fogo nas florestas.

C
V
I
R
d
C
F
E
n
n
d
be
ni
a
l
um
irá
vot
res
I

C
bra
pri
Ex
Es

•
e
a
C
F
x